

XXIV DOMINGO DO TEMPO COMUM - ANO C *Exaltação da Santa Cruz*

A cruz de Jesus – que a liturgia deste dia nos convida a contemplar – é a expressão suprema do amor de um Deus que veio ao nosso encontro, aceitou partilhar a nossa humanidade, quis fazer-se servo dos homens, deixou-se matar para que o egoísmo e o pecado fossem vencidos. Ao entregar a sua vida na cruz, em dom de amor, Jesus indicou-nos o caminho para chegar à vida plena.

A **primeira leitura** traz-nos uma história do tempo em que os israelitas vagueavam pelo deserto. Deus propõe-se corrigir a tendência de Israel para a murmuração e a ingratidão; mas, constatando que o “remédio” podia “matar o doente”, Deus engendra uma estratégia de salvação. A serpente de bronze levantada sobre um poste, através da qual Deus cura o seu Povo, sinaliza o amor e a bondade de Deus; e é, por outro lado, um símbolo dessa força salvífica que alguns séculos mais tarde brotará da cruz de Cristo, o homem levantado ao alto para dar vida a todo o mundo.

Na **segunda leitura**, Paulo apresenta aos crentes de Filipos a sua leitura da encarnação de Cristo. Jesus, o Filho de Deus, despojou-se da sua dignidade divina e veio ao encontro dos homens, revestido da nossa frágil natureza. Ele escolheu o caminho da obediência ao Pai e do serviço aos homens, até ao dom da vida. A cruz é a expressão máxima desse caminho e dessa opção. Paulo pede aos filipenses – e aos “discípulos” de todas as épocas e lugares – que aceitem percorrer o mesmo caminho que Jesus percorreu.

No **Evangelho** Jesus, em conversa com um fariseu chamado Nicodemos, desvela-lhe o sentido e o significado da Sua presença no meio dos homens: Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna”. O amor de Deus tornar-se-á particularmente evidente quando, na cruz, Jesus entregar a sua vida por todos. Os que olharem para o Crucificado e acolherem a lição de amor que Ele oferece, encontrarão vida em abundância.

Dehonianos

AGENDA

Horários das Missas

A partir desta semana retomamos os horários habituais das missas, assim como no domingo às 12h na Igreja da Natividade

Inscrições para a Catequese

Estão abertas as inscrições para a Catequese destinadas a todas as crianças dos 6 aos 13 anos (nascidas entre 2012 e 2018).

Também estão abertas as inscrições para o Despertar da Fé, destinadas a crianças dos 3 aos 5 anos (nascidas entre 2019 e 2021).

As inscrições decorrem nos seguintes horários e locais, conforme o Núcleo:

Igreja do Algueirão

Sábados: 20 e 27 de setembro

Das 15h00 às 18h00

Igreja da Natividade

Sábados: 20 e 27 de setembro

Das 17h00 às 18h00

Domingos: 21 e 28 de setembro

Das 10h30 às 12h00

Salão das Mercês

Sábados: 20 e 27 de setembro

Das 16h30 às 18h30

ORIGEM DA FESTA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

No séc. II o imperador Adriano (117-138), para dissuadir o culto cristão em Jerusalém, soterrou o local onde Jesus tinha sido crucificado e sepultado. No local do Santo Sepulcro, colocou a estátua de Júpiter; no local da crucifixão de Jesus, erigiu uma estátua em honra de Vénus. Os cristãos, contudo, continuaram a frequentar esses lugares, aí evocando a morte e a ressurreição de Jesus. Mais tarde, em 13 de setembro de 326, Santa Helena, mãe do imperador Constantino, por indicação de um habitante de Jerusalém, descobriu no local do Calvário o madeiro da cruz onde Jesus tinha sido crucificado.

Demolidas as construções pagãs erigidas por Adriano, foi construída uma basílica cristã, cuja dedicação aconteceu em 13 de setembro de 335. No dia a seguir, 14 de setembro, a cruz lá encontrada foi exposta à adoração dos fiéis. É este facto que está na origem da chamada Festa da Exaltação da Santa Cruz.

MENSAGEM DE DESPEDIDA DO PE. MANUEL

Queridos Paroquianos,

Como muitos já sabem, estou a concluir o meu serviço como Pároco desta Paróquia.

Nestes últimos tempos, muitos de vós me perguntam: “Por que vai embora?” “Já não gostas de nós?” “Chateou-se connosco?” Não parto por nada disso ou outras coisas que podeis imaginar. A verdade é que também para mim esta despedida é difícil. Trabalhar nesta Paróquia foi uma grande alegria, uma missão que abracei com corpo e alma. Aqui encontrei uma verdadeira família, e foi assim que sempre me senti: em casa.

Gostaria de continuar mais algum tempo. Tinha ainda sonhos por concretizar, projetos em andamento que me seria grato ver concluídos. No entanto, a minha saúde tem dado sinais que não posso ignorar. Os médicos foram claros ao dizer que não posso manter este ritmo. A vida paroquial exige presença, entrega, ritmo constante... e compreendi, em oração e em diálogo com os superiores, que este era o momento certo para concluir a minha missão entre vós.

Foram oito anos de caminhada juntos. Oito anos como pastor deste rebanho que o Senhor me confiou, numa Paróquia feita de três núcleos, três comunidades, três realidades distintas, cada uma com a sua beleza, os seus desafios e a sua riqueza.

Senti sempre que somos uma Paróquia viva, pastoralmente ativa, com grandes potencialidades e também com muitos desafios. Um dos maiores, como sabeis, foi sempre o de construir a unidade pastoral: criar pontes, caminhar juntos, formar uma única comunidade paroquial. Nem sempre foi fácil, mas foi profundamente verdadeiro. Esforcei-me — e, graças a Deus, vimos frutos. Vim para servir. Vim para estar ao serviço da comunidade e do Reino de Deus, dando o melhor de mim, com consciência dos meus limites e imperfeições.

E foi aí, precisamente na fragilidade, que vi Deus realizar os seus maiores milagres. Milagres silenciosos, sem aplausos... mas com frutos visíveis e verdadeiros.

Neste momento, o sentimento que tenho no coração é gratidão.

Gratidão, antes de tudo, ao Senhor, por me ter confiado esta missão e por me ter dado a graça de partilhar convosco este tempo. A Sua providência acompanhou-me, com sinais concretos do seu amor e da sua misericórdia.

Por isso posso dizer, com toda a certeza: Tudo foi graça. Gratidão a cada um de vós, que, de forma discreta ou visível, contribuíram para o crescimento do Reino de Deus na nossa Paróquia.

A todos a minha Gratidão por me terdes acolhido como sou, com os meus limites e imperfeições. Gratidão por cada gesto de apoio, cada sorriso, cada palavra amiga.

Sei que não consegui agradar a todos, talvez não satisfiz a expectativas de muitos. Mas procurei, de coração, ir ao encontro de todos, sem distinções. Peço perdão se magoei alguém, se não me fiz presente como devia, se faltei no acolhimento e na escuta. Nunca foi essa minha a intenção. Fico com o pesar de não ter concretizado dois grandes sonhos: a nova Igreja das Mercês e as melhorias na Igreja da Natividade. Mas tudo está preparado para que prossigam. Agora, esse desafio está nas vossas mãos.

Em todas as alegrias e dificuldades que vivemos, foi Deus quem nos sustentou.

E a minha oração, tantas vezes feita no silêncio diante do sacrário, foi sempre esta: “Senhor, guarda este povo que me confiaste. Ensina-me a amá-lo como Tu o amas.”.

Vivemos momentos belíssimos: festas, celebrações cheias de fé, encontros que alimentaram a nossa espiritualidade, procissões que levaram a Igreja às ruas, grupos que nasceram e outros que cresceram, pessoas afastadas que se reaproximaram da fé, irmãos vindos de outros países que encontraram aqui acolhimento e comunidade.

Despeço-me com o coração sereno. Não porque seja fácil partir, mas porque confio que tudo o que vivemos permanece em Deus. Muitas sementes foram lançadas. Muitos frutos já se veem; outros, só o Senhor verá. E isso me basta.

Levo-vos no coração.

Continuarei a dar graças a Deus pelas maravilhas que realizou aqui, apesar das minhas limitações.

Só vos peço uma coisa: rezai por mim.

Para que continue fiel ao ministério que recebi, e seja sempre um pastor segundo o Coração de Jesus. Recebei o vosso novo Pároco com abertura, com oração, com espírito de comunhão. Acolhei-o com o mesmo carinho com que me acolhestes a mim.

Continuai a construir pontes entre os três núcleos. A Paróquia é uma só. É o Corpo de Cristo, que se manifesta na diversidade dos seus membros. Jesus diz-nos: “Permaneço no meu amor.” É este o apelo que vos deixo: permaneço no amor de Cristo. Permanecei unidos, orantes, acolhedores, testemunhas do amor de Deus. E, quando vos recordardes deste vosso antigo pároco, não penseis nos discursos ou nas reuniões... Lembrai-vos apenas disto: Fui um padre que vos amou com tudo o que pôde. E que, mesmo longe, continuará a rezar por vós.

Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja e nossa Mãe - a quem sempre confiei esta missão—continue a proteger esta Paróquia, juntamente com São José, nosso Padroeiro.

Obrigado, de coração. Bem-haja a todos.

Pe. Manuel